

## ALEXANDER MCQUEEN E SEUS DESFILES DE MODA TEATRAIS.

**CARMEN FILGUEIRAS**

*Escritora e doutoranda em Letras (PUC-RJ), pesquisa o cinema e a literatura policiais contemporâneos. Mestre em Artes Cênicas (com a dissertação Adaptação cinematográfica de “Hamlet” por Michael Almereyda – reflexo de uma sensibilidade contemporânea, UniRio) e Bacharel em Filosofia (com a monografia A influência kantiana na obra de Schiller, UFRJ).*

[www.carmenfilgueiras.blogspot.com](http://www.carmenfilgueiras.blogspot.com)

**Resumo:** Tradicionalmente, os desfiles de moda são o espaço em que os artistas mostram aos consumidores suas produções. Mas, desde as últimas décadas, eles têm se sofisticado de maneira a se transformarem em verdadeiros espetáculos cuja riqueza de cena lembra o que, em geral, entende-se por teatro. Neste artigo, vou me concentrar na importância do caráter teatral da exibição das coleções de moda do estilista Alexander McQueen.

**Palavras-chave:** Alexander McQueen – Moda - Teatro

### ALEXANDER MCQUEEN AND HIS THEATRICAL FASHION-SHOWS

**Abstract:** Traditionally, it is during fashion shows that artists present their production to the consumers. However, in the past decades, fashion shows have become more sophisticated and present such richness of scenery that they more resemble theatrical productions. In this article, I address the relevance of Alexander McQueen’s theatrical staging of his fashion collections.

**Keywords:** Alexander McQueen – Fashion - Theatre

Quem está presente numa sala de desfile vive o Único, aquilo que nunca mais vai se repetir. Nem o vídeo nem a televisão – muito menos a internet – jamais vão conseguir reproduzir o *feeling* de ver um desfile. E quando ele é bom, palavras e descrições são insuficientes. Você perdeu. E pronto.<sup>1</sup>  
(ERIKA PALOMINO)

No começo do século XXI, as barreiras ontológicas do teatro, do *happening*, da dança e do cinema estão cada vez mais diluídas. Esta constituição híbrida pode ser vista também em relação à moda. Ainda que os desfiles sejam, tradicionalmente, o espaço em



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

que os criadores mostram aos compradores suas produções, desde as últimas décadas, eles têm se sofisticado de maneira a se transformarem em verdadeiros espetáculos cuja dramaticidade e riqueza de cena lembram o que, em geral, entende-se por teatro. Teatro e não performance porque, como afirma, Marina Abramovic: “teatro é ensaiado, é de mentira, tem um enredo ou roteiro de cenas, o sangue é tinta vermelha (...)”<sup>2</sup>.

Porém, a relação intrincada entre roupa e cena não é novidade se pensarmos, por exemplo, nos figurinos de Coco Chanel para *Le train bleu*, de Sergei Diaghilev (1924). O que é novidade é o *status* que esta relação tem adquirido, ou seja, o caráter cênico da exposição de novas coleções de moda tem sido elaborado consideravelmente e não falta diversidade de exemplos - desde o arrojo da Chanel (comandada por Karl Lagerfeld) ao excessivo erotismo da Victoria Secret. Neste breve artigo, vou me concentrar na importância do aspecto teatral da exibição das coleções de moda do vanguardista estilista recém falecido Alexander McQueen.

Para Erika Palomino<sup>3</sup>, o mais emocionante desfile do estilista inglês foi o da coleção Primavera-verão 2004. As roupas vestidas por dançarinos e modelos recriavam o universo dramático do filme *A noite dos desesperados* (dir. Sidney Pollack, 1969) em um desfile-pista-de-dança (teatral como as encenações de Pina Baush) muito aplaudido por uma nem sempre tão sorridente Anne Wintour. No entanto, as roupas de McQueen, mesmo penduradas em um cabide, projetam um universo estilizado. Elas têm potencial para não só vestirem o corpo como, também, para conceituá-lo. Neste aspecto, seus desfiles prolongam a adequação entre a ideia e a sua representação, como é o caso da sua última apresentação, *Plato's Atlantis*, em que mostra os habitantes sobreviventes de um grande desastre – a Atlântida naval, que afundou ao tentar invadir Atenas, encontrou eco contemporâneo no caos ecológico em que vivemos. Os sapatos das mulheres aquáticas (imortalizados por

---

<sup>1</sup> PALOMINO, Erika. *Jornal SPFW Inverno 2008*.

<sup>2</sup> ABRAMOVIC, Marina. *MOMA se rende ao efêmero* In: *O Globo*, Segundo Caderno, 06/04/2010.



LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Lady Gaga no vídeo de sua música *Bad romance*) remetiam a cascos e a garras e representavam, concomitantemente, o onírico universo platônico e o nosso atual pesadelo. As modelos usavam cabeças com diferentes chifres que sublinharam as escamas dos trajes. Assim, o desfile não é um espetáculo que serve a propósitos de *marketing*, apenas; eles criam o mundo correspondente às roupas de McQueen.

Eu percebi que deve haver um equilíbrio entre a sua satisfação mental e as necessidades financeiras da sua empresa. Dois terços de uma coleção são arte, um terço é *business*. Mas, eu sempre lembro que é a fantasia, o lado artístico, que faz com que os consumidores queiram comprar as calças pretas convencionais que põem o dinheiro no banco. Você tem que fazer coisas que você nem sempre quer fazer. Sempre há o lado negativo. Mas, se você é determinado, como eu, você sempre acha um truque para torná-lo positivo.<sup>4</sup>

McQueen, dessa maneira, exemplifica a problemática de produção de uma arte que será consumida no cotidiano, mas que exige cifras milionárias para ser realizada. Ao se afastar da cultura da alta costura e do seu elemento de singularidade, a indústria da moda contemporânea precisou encontrar o elemento de originalidade que lhe garantiria o sustento. Os desfiles parecem ser o espaço oportuno para que os estilistas exerçam seu potencial criativo e encontrem os compradores da sua obra. Ali, a fantasia direciona o olhar e cria uma camada ‘aurática’ para as roupas que significam mais do que vestem.

Luz, cenário, trilha sonora, maquiagem, modelos atuando conforme o enredo proposto pelo estilista... O que falta para que um desfile de moda como os de Alexander McQueen seja considerado uma arte tão sofisticada quanto o teatro? O trabalho criado por

---

<sup>3</sup> PALOMINO, Erika. <http://www.erikapalomino.com.br/erika2006/closet.php?d=11/02/2010>

<sup>4</sup> MCQUEEN, Alexander. Minha tradução. No original: “I’ve realized that there has to be a balance between your mental satisfaction and the financial needs of your company. A collection is two-thirds artistic, one-third business. But I always remember that it’s the fantasy, the artistic side, that makes customers want to buy the straightforward black pants that put the money in the bank. You have to do things you don’t always want to. There are always negatives. But, if you are determined, like me, you can always find the trick to turn them into positives” In: [http://women.timesonline.co.uk/tol/life\\_and\\_style/women/fashion/article1129294.ece](http://women.timesonline.co.uk/tol/life_and_style/women/fashion/article1129294.ece)



LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

ele não poderia ser comparado ao de um autor que dirige suas peças e materializa a sua ideia através do trabalho com atores, cenógrafos, iluminadores...? Assim como *Casa de bonecas*, de Ibsen, precisa de Nora para que o tema acerca da emancipação do indivíduo seja discutido, acredito que as roupas de McQueen na coleção Primavera-verão 2010 são o pretexto para que se pense em uma vida pós desastre.

Como excepcional artista, sua posição política não era exercida de forma panfletária. Exceto quando encerrou o desfile da coleção Primavera-verão 2006 vestindo a famosa camiseta *We Love You Kate*, para defender a modelo que perdera vários contratos por conta de um escândalo envolvendo cocaína. Na temporada seguinte, McQueen continuou homenageando-a, dessa vez de maneira mais elaborada, mais própria ao seu estilo criador. Em um holograma fantasmagórico, Moss girava esvoaçante vestida com as projeções de McQueen para o Outono-inverno 2007. Como confirmam as gravações deste espetáculo singular, a plateia parisiense geralmente sisuda aplaudiu entusiasticamente durante o desfile e não apenas no final. Felizmente, desde 1996 (quando substituiu John Galliano na casa Givenchy), seu potencial artístico tem sido valorizado pela indústria da moda que, em respeito ao insubstituível McQueen, cancelou a apresentação da última coleção criada por seu *enfant terrible*. Aqui, diferente da tradição teatral, o show não pôde continuar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVIC, Marina. *MOMA se rende ao efêmero* In: O Globo, Segundo Caderno, 06/04/2010.  
MCQUEEN, Alexander.  
[http://women.timesonline.co.uk/tol/life\\_and\\_style/women/fashion/article1129294.ece](http://women.timesonline.co.uk/tol/life_and_style/women/fashion/article1129294.ece)  
(capturado em 10/02/2010).  
PALOMINO, Erika. *Jornal SPFW Inverno 2008*.  
\_\_\_\_\_. <http://www.erikapalomino.com.br/erika2006/closet.php?d=11/02/2010> (capturado em 10/02/2010).



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)  
[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Recebido: 16/03/2010

Aceito: 25/03/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)  
[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)